



1

## XII ENCONTRO DA IF-EPFCL: A ANGÚSTIA, COMO FAZÊ-LA FALAR?

### TRABALHO COMPLETO

#### Como fazer a angústia falar na clínica?

**Maria Helena Martinho**

Este texto apresenta fragmentos de um caso clínico de uma menina de 9 anos de idade que ilustra uma relação singular entre a angústia e a fobia em dois tempos: em um primeiro tempo, o objeto fóbico desempenha sua função de proteção contra a angústia; em um segundo tempo, ocorre uma falha no inteligente mecanismo de defesa e as graves crises de angústia são desencadeadas. A tradução feita por Lacan no nó borromeano da tríade freudiana Inibição, Sintoma e Angústia (1974-1975) é tomada para interrogar os tipos de amarrações que se desvelam no nó borromeano desse sujeito nesses dois tempos e para identificar os efeitos que o trabalho da análise promoveu nessas amarrações ao fazer a angústia falar.

Mel é levada para análise aos 9 anos de idade porque, segundo os médicos, sofre de transtorno do pânico. Aos 8 anos de idade, sem nenhuma razão aparente, a menina começou a apresentar falta de ar, taquicardia, sudorese, calafrios e tonturas. No início as crises ocorriam à noite e em casa, mas depois elas foram ficando mais frequentes e intensas, passaram a ocorrer a qualquer hora do dia ou da noite e em qualquer lugar. As crises se agravaram tanto que a menina precisou ser hospitalizada várias vezes. Os pais contam em entrevistas que aos 6 anos de idade, quando sua irmã nasceu, a menina começou a ter medo de jacaré. À noite achava que o jacaré estava debaixo de sua cama.

Nas primeiras entrevistas, Mel não menciona as crises de angústia nem a fobia. Estas não são uma questão para ela. Mel vem para se queixar de sua irmã: “ela é uma sujeitinha implicante, mal-humorada, desobediente que atrapalha minhas brincadeiras, meu estudo, a minha vida”.

Mel costuma exibir para a analista fotos, filmagens e animações que faz da irmã em seu celular. Em determinada sessão, a menina utilizou um recurso para imprimir patas de cachorro sobre uma foto da irmã; as patas emitiam sons, latiam, enquanto pisoteavam toda a superfície da foto, apagando da tela a imagem da irmã. Em seguida, ela exibiu outra foto da irmã, utilizou mais um recurso de seu celular e rabiscou toda a superfície da foto, até fazer a irmã desaparecer por completo. Por fim, ela selecionou outra foto e travestiu a irmã de palhaça. As operações, de alto nível tecnológico, utilizadas em todas as sessões, pareciam ter apenas uma única função: dar um sumiço na irmã, fazê-la desaparecer do mapa, da superfície da terra, da tela do seu celular, da sua vida.

Durante as sofisticadas operações a pequena paciente ri, gargalha, goza, evidenciando assim, o desejo de morte da irmã insuportável. Os *gadgets* de última geração a auxiliam na brincadeira de fazer a irmã sumir sob as patas dos cachorros, dos rabiscos coloridos, da fantasia de palhaça.

A singularidade desse caso evidencia que a relação entre a angústia e a fobia se dá em dois tempos: em um primeiro tempo, aos 6 anos de idade, a fobia de Mel se desencadeia e reúne o trio: Inibição, Sintoma e Angústia, numa espécie de conjunção dos três termos. A fobia é um sintoma – transbordamento do simbólico no real – portanto, amarra simbólico e real. O objeto fóbico é um significante, significante do medo (jacaré) enodado ao gozo, que substitui a angústia insondável que precede a fobia. O sintoma fóbico localiza a angústia, metaforiza a angústia de desamparo, a converte em medo fixado. A fobia é um benefício sobre a angústia, mas o benefício é limitado porque, ao mesmo tempo, o sintoma é um sintoma de angústia, angústia de castração – transbordamento do simbólico no real –, amarra simbólico e real. A fobia também gera inibição – transbordamento do imaginário no simbólico –, amarra imaginário e simbólico, restringe o campo de deslocamento de Mel. Ela não pode sair da cama porque o jacaré está embaixo da cama.

Em um segundo tempo, quando Mel está com 8 anos de idade, a fobia não pode mais cumprir a função de proteção e as crises de angústia emergem com muita gravidade. Nesse tempo encontramos um transbordamento do real no campo do imaginário, em



conexão com o gozo do Outro, apontando a angústia do real, angústia traumática da existência que irrompe no imaginário do corpo desse sujeito.

Mas o que teria provocado a falha da fobia e o desencadeamento da angústia? O caso mostra como o ódio da irmã se transformou na angústia maior, aquela conectada ao gozo do Outro. Encontramos em Mel o sentimento de culpa inconsciente, próprio do masoquismo moral, no qual o padecer é o que importa, “o sadismo do supereu e o masoquismo do eu se complementam um ao outro e se juntam para provocar as mesmas consequências” (Freud, 1924, p. 175), a satisfação mediante castigo e padecimento. Mel expia o ódio da irmã, o desejo de morte da irmã, atuando a sua própria morte, fica sem ar, não respira.

Sabemos que a angústia se presentifica nos três registros, RSI – o nó borromeano nos auxilia nessa verificação –: a angústia conectada ao gozo do sentido, angústia das rupturas do sentido; a angústia conectada ao gozo fálico, angústia de impotência, de perda, de fracasso; a angústia conectada ao gozo do Outro, a maior delas, um transbordamento do real no imaginário, a que acomete Mel aos 8 anos de idade, provocando na menina a sensação de ser reduzida a seu corpo, uma destituição subjetiva selvagem.

Se a angústia é um advento do real, se ela é sentida, se não há palavras para dizê-la, então como fazê-la falar na clínica? Mel entra em análise, associa livremente, fala sobre o ódio da irmã insuportável. O ato de brincar de aniquilar a irmã, de fazê-la desaparecer da telinha do celular e da sua vida promove um alívio da angústia.

Na quarta sessão, Mel, que até então nunca havia mencionado uma palavra sequer sobre as suas crises de angústia, fala pela primeira vez sobre elas: “você sabia que eu estou muito feliz. Eu andava tendo uns trecos muito esquisitos. Eu sentia falta de ar, suava frio, meu coração acelerava, eu ficava gelada, tinha até que ir para o hospital. Agora eu não sinto mais nada. Eu não sei como aconteceu, mas assim do nada tudo isso passou”.

Retomo aqui uma questão levantada no início: que tipos de amarrações se desvelam no nó borromeano desse sujeito? Poderíamos considerar que no primeiro tempo, o da fobia, o quarto nó, que enoda o nó borromeano desse sujeito, corresponde ao Sintoma fóbico, a



4

um *Sinthome*, a uma Nomação do Simbólico? E que no segundo tempo, o da crise de angústia, a Angústia estaria correspondendo a uma Nomação do Real? Ao fazer a Angústia falar em análise o que pôde operar nesse sujeito? Uma nova amarração borromeana? Uma Nomação do Simbólico?

## Referências Bibliográficas

CEVASCO, R. *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana: volume 1*. Com a colaboração de Jorge Chapuis. São Paulo: Aller, 2021.

CEVASCO, R. *Passo a passo: rumo a uma clínica borromeana: volume 2*. Com a colaboração de Jorge Chapuis. São Paulo: Aller, 2022.

FREUD, S. (1924). “El problema económico del masoquismo”. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 19.

FREUD, S. (1926 [1925]). “Inibición, sintoma y angustia”. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2006. v. 19.

FREUD, S. (1933 [1932]). “32ª conferencia. Angustia y vida pulsional”. “Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis”. In: *Obras completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2004. v. 22.

LACAN, J. (1960). “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano”. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

[www.champlacanian.net](http://www.champlacanian.net)



5

LACAN, J. (1962-1963). *O Seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

LACAN, J. (1967-1968). *O Seminário, livro 15: o ato psicanalítico*, inédito.

LACAN, J. (1974). *Televisão*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

LACAN, J. (1974). “A terceira”. In: *Intervenciones y textos II*. Buenos Aires: Manantial, 1980.

LACAN, J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22: R. S. I.*, inédito.

LACAN, J. (1975-1976). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

LACAN, J. (1976). “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

SOLER, C. *Declinações da Angústia*. São Paulo: Escuta, 2012.

SOLER, C. *Seminário de leitura de texto ano 2006-2007: Seminário A angústia, de Jacques Lacan*. São Paulo: Escuta, 2012.

SOLER, C. *Adventos do real: da angústia ao sintoma*. São Paulo: Aller Editora, 2018.

SOLER, C. *Os afetos lacanianos*. São Paulo: Aller Editora, 2022.